

Fonte Porantim Class.: Seringueiros
 Data novembro 1986 Pg.: 6 04R00013

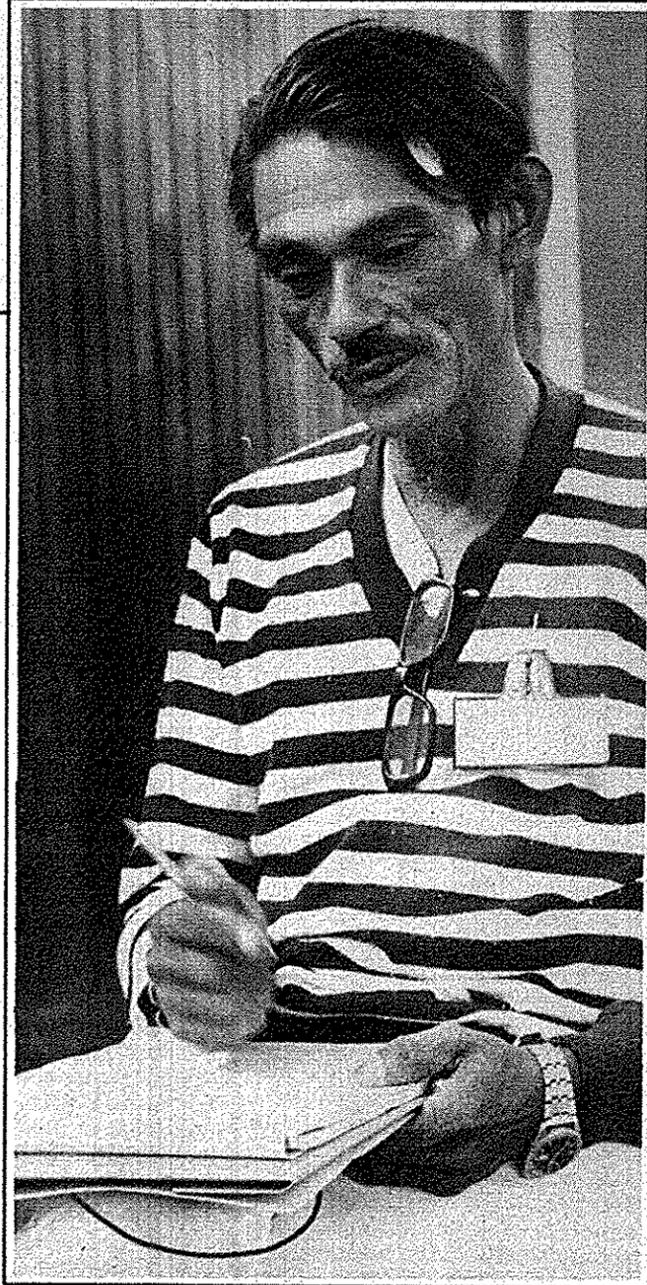
As áreas onde as mineradoras atacam,
 onde os fazendeiros buscam se implantar
 sempre são as áreas indígenas e dos
 seringueiros //

Seringueiros querem união e paz com índios

O ano é 1877. O nordeste brasileiro vive uma de suas grandes secas. A então Província do Amazonas começa a incentivar e a financiar a migração de nordestinos para colonizar a região. Mas a maioria deles acaba se dedicando à exploração da borracha, achando que com isso conseguiria melhores condições de vida e poderia voltar à terra de origem.

Leda ilusão. Endividado com o patrão, o seringueiro não podia abandonar o local em que trabalhava até que suas dívidas fossem pagas. Corria ainda o risco de morrer vitimado por uma das doenças que até hoje assolam os seringueiros habitantes das margens dos rios.

Mas a concorrência no mercado da borracha aumentou e, a partir de 1912, o Brasil já não tinha mais para quem vender o que produzia. Nos anos 40 há uma pequena retomada do comércio, para logo cair novamente. A decadência é inevitável. Mesmo assim, muitos seringueiros continuaram explorando a borracha, e sendo explorados pelos patrões, regatões e madeiros. O que não impediu no fim da década de 1970 o surgimento dos primeiros sindicatos rurais na Amazônia e, mais recentemente, a criação do Conselho Nacional dos Seringueiros da Amazônia, que propõe uma aliança com índios na luta pela terra. Seu presidente, Jaime da Silva Araújo, falou ao PORANTIM



Eduardo Leão

Jaime da Silva Araújo,
 presidente do Conselho
 Nacional dos
 Seringueiros da
 Amazônia, propõe
 aliança na luta pela
 terra

PORANTIM — Como é que surgiu o Conselho dos Seringueiros?

Jaime da Silva Araújo — De uma necessidade. Porque nós, seringueiros, temos uma história de três centenários sem que na legislação brasileira uma palavra sequer fale em nossa defesa. Por não termos assistência do governo, não termos escola, o povo era muito desavisado e isso (o Conselho) demorou a acontecer. Outras pessoas conseguiram, através de sacrifício, colocar os filhos na escola, que voltavam para o seringal pra lecionar para aqueles vizinhos. E, aos poucos, foi chegando também a conscientização de que já havia necessidade de alguma entidade que representasse os seringueiros. Então, há oito anos atrás, começou um movimento no Estado do Acre, a nível de sindicatos rurais, para a criação de uma entidade que defendesse os seringueiros e apresentasse suas reivindicações. E começaram a trabalhar nesse sentido. Quando foi 1985, o ano passado, do dia 11 ao dia 17 de outubro, em Brasília, nós tivemos a felicidade de ver isso concretizado, esse velho sonho: o Conselho Nacional dos Seringueiros da Amazônia.

PORANTIM — O que vocês pretendem conseguir?

Jaime — Que não haja mais projetos de assentamento na Amazônia; que não haja mais derrubada da castanheira e seringueira; a não-poluição dos rios; a aliança entre índios e seringueiros; e outra coisa: infraestrutura ribeirinha com medicamentos, escolas e transporte, pra que dê condições a esses seringueiros de produzirem mais.

PORANTIM — Quantos seringueiros participam do Conselho?

Jaime — Dezesseis, no momento. Quatro conselheiros por Estado (Acre, Pará, Rondônia e Amazonas). Pensamos em estender a luta, mas nós achamos que a nossa força está pequena, que a organização está pouca. Então a gente acha que primeiro se deve organizar mais um pouco pra partir pro Mato Grosso, alcançar Roraima, Amapá e outros setores onde tiver seringueiro.

PORANTIM — Como vocês vêm trabalhando?

Jaime — Através das emissoras de rádios locais e alguma literatura. Mas é muito embrionária a nossa luta. Temos dificuldades financeiras, apesar de já termos o apoio de algumas entidades. Somente em

dezembro deste ano vamos consolidar o Conselho, quando haverá os debates sobre a criação do estatuto. A partir daí, vamos aumentar o número dos conselheiros por Estado, a fim de cobrir a área que até o momento não foi alcançada pelo nosso movimento.

PORANTIM — Como os seringueiros recebem a idéia do Conselho?

Jaime — Com muito apoio e com muito apelo. Quando a gente chega e comunica a nossa organização, como está acontecendo e o seu objetivo, eles recebem com festa. Alguns ficam até emocionados de saber que a partir de agora nós vamos começar a buscar os nossos direitos. Eles vão ter, assim, uma coisa em que segurar, em que confiar, a quem levar suas queixas pra que essas reivindicações cheguem às autoridades. Eles estão muito confiantes de que vamos alcançar grandes vitórias.

PORANTIM — No momento, o que vocês estão fazendo?

Jaime — Agora nós entramos com um pedido junto ao governador Ângelo Angelim, de Rondônia, para a criação de uma reserva extrativista lá no vale do Guaporé, e está quase que consolidada essa reserva.

PORANTIM — O que é essa

reserva extrativista?

Jaime — É uma área, a exemplo dos índios, onde não existe divisão (das terras). Todos trabalham suas estradas, caçam, plantam, retirando dali os produtos naturais necessários inclusive para a indústria: a borracha, a castanha, e matéria-prima para medicamentos: a sorva, a balata, o cipó, a copaíba, a andiroba. A área é completamente comunitária, não existirá títulos definitivos (individuais), não existirá lotes.

PORANTIM — Os seringueiros têm alguma coisa em comum com o índio....

Jaime — Muito em comum. As áreas onde as mineradoras atacam, onde os fazendeiros buscam se implantar sempre são as áreas indígenas e dos seringueiros. A gente achava sempre que um dia teríamos a oportunidade de juntar essa luta. O índio não deve lutar sozinho. O seringueiro não deve lutar sozinho. Só que o índio partiu na frente. Eu acho que essa aliança vai trazer para o índio e o seringueiro grandes vitórias. A gente deve consolidar essa aliança, ir nas bases, conversar com os companheiros, mostrar a importância dessa aliança pra que ela fique sólida e haja união e paz entre seringueiro e índio.